

**Correção da ficha formativa de avaliação de conhecimentos sobre os temas da Cultura e Relações Interpessoais – Psicologia B – turma 12ºA**  
**4 de Janeiro de 2013, 09H05-10H35**

**Grupo I**

**Chave das questões de escolha múltipla**

1. B.
2. B.
3. B.
4. C.
5. D.
6. D.
7. C.
8. C.
9. A.
10. D.
11. C.
12. A.
13. A.
14. A.
15. D.
16. C.
17. B.
18. D.
19. C.
20. D.

**Grupo II – Tópicos de conteúdo**

1. O bebé, à nascença, tem a capacidade inata de simbolização, entendida como predisposição genética, para aprender uma linguagem. A disposição inata para a linguagem reside na maturação dos mecanismos de maturação cortical (antes e depois do nascimento). As aptidões sensoriais da criança representam outras competências relacionais do bebé e são pré-natais: permitem à criança ser capaz de usar os sentidos para efectuar discriminações visuais, auditivas, tácteis, olfactivas e gustativas. A capacidade de imitação e a observação, bem como as interacções precoces com outros seres humanos (nível de sociabilidade), permitem ao bebé desenvolver-se na aquisição de competências linguísticas, cognitivas, afectivas e sociais/culturais. O desenvolvimento da capacidade simbólica do ser humano depende da conjugação de factores internos (a maturação orgânica) e dos estímulos externos (meio social e cultural). Sabemos que um bebé é capaz de imitar uma expressão facial de modo não intencional, mas isto significa que há uma abertura perante o rosto do «outro» que lhe é familiar e que esta busca pelo «outro» é uma marca de aptidão para a sociabilidade. Sabemos que os bebés reconhecem desde o nascimento a sua língua materna, que a maturação do córtex, sobretudo com a mielinização das células nervosas, permite o desenvolvimento do vocabulário. E sabemos que o uso dos sentidos permite ao bebé explorar o mundo novo em que habita e interagir com as pessoas que são significativas para a satisfação das suas necessidades, processo que aumenta as suas capacidades cognitivas. A aptidão para reagir a estímulos externos e para se relacionar com outros seres humanos, que são as competências relacionais do bebé, promovem a maturação do córtex e o desenvolvimento linguístico, cognitivo, social, motor e afectivo da criança.

2. Considerando os dados recolhidos sobre o caso de Victor de Aveyron, podemos inferir as seguintes conclusões mais substanciais e que se podem generalizar a todos os casos típicos de «crianças selvagens»: a)- a humanidade não é inata, ou biologicamente causada pela hereditariedade; b)- há períodos críticos, ou fases críticas, relacionadas com a maturação orgânica, particularmente do sistema nervoso, que condicionam a aquisição de competências especificamente humanas, como a capacidade de simbolização (usar conceitos ou representações abstractas para pensar e agir sobre o mundo) e a linguagem. Depois destas fases críticas, a reeducação das crianças selvagens é muito difícil, se não mesmo impossível, sobretudo no caso da linguagem, cujo período sensível de aquisição e desenvolvimento decorre desde o nascimento até aos 7-10 anos; c)- por último, deve-se concluir que a humanização é um processo de aprendizagem que deriva, sobretudo, da socialização e da influência cultural.

3. Por um lado, a cultura procura complementar as imperfeições da natureza. A relação de complementaridade é um primeiro aspecto a focar. Por outro lado, há uma relação de oposição. A cultura influencia a natureza, levando os seres humanos a corrigi-la e a aumentar a sua eficácia. Há neste aspecto, como referimos, uma relação de complementaridade. Por exemplo, o homem, através da ciência e da tecnologia pode criar melhores cereais por modificação genética, aumentando a sua produção e resistência a doenças. Pela medicina, o homem combate doenças e aumenta a esperança de vida e qualidade das pessoas. O modo como o homem se adapta ao mundo natural, para aproveitar os seus recursos naturais e tentar aperfeiçoá-la, faz-se por meio da cultura. Mas, há que reter: quanto mais o homem depende da cultura, menor é a sua dependência das condutas instintivas – no homem, a natureza é quase substituída pela cultura. Todavia, a noção de cultura opõe-se à ideia de natureza. A cultura pertence ao domínio do adquirido, do que se aprende e transmite por meio da influência social, regula-se por normas (convenções) racionais, é a marca específica dos seres humanos e é particular (cada cultura é um caso particular da adaptação humana à natureza, de tal modo que não há uma só cultura, mas diversidade de culturas). Por sua vez, a noção de natureza remete para tudo o que no homem se deve ao inato, ao hereditário, refere-se ao domínio do espontâneo (isto é, do instinto), designa tudo o que é comum a todos os animais e é universal (as leis da natureza são comuns a seres vivos e seres humanos).

4. O psicólogo Solomon Asch provou a tendência para o conformismo com uma experiência em que um sujeito tinha que seleccionar, entre três linhas de comprimento desigual, traçadas num cartão, a que era do comprimento de uma outra linha, observada noutra cartão. As provas em si não se revestiam de grande dificuldade, a não ser a presença de sujeitos coniventes com o experimentador, instruídos para, a partir da segunda prova, começarem todos a dar a mesma resposta errada. Embora reconhecendo inicialmente que as respostas certas não podiam ser as que eram dadas pelos sujeitos participantes, a partir de determinada altura, o sujeito ingénuo começou a duvidar de si próprio, acabando por se deixar arrastar pela opinião dos participantes coniventes, dando a mesma resposta falsa que eles davam. A pressão do grupo, a sua percepção colectiva da realidade e a opinião unânime veiculada, mostram como cada indivíduo se conforma com o clima de opinião em vigor no interior de um grupo. O efeito de conformismo é, pois, o resultado da percepção das representações dominantes num grupo que são seguidas por um indivíduo, mesmo que essas representações sejam vistas como erradas ou distorcidas. Para não destoar, para não ficar mal visto, para evitar a rejeição ou olhares críticos, ou a expulsão do grupo, uma pessoa tende a conformar-se, aceitando de modo passivo reproduzir certas opiniões ou comportamentos. Existem fatores estudados pelos psicólogos e identificados como responsáveis pelo efeito de conformismo. Segundo Asch, são fundamentalmente dois: **autoconfiança** e **unanimidade**. De acordo com o primeiro fator, quanto mais autónoma é uma pessoa, quanto maior for a sua auto-estima, menor será a sua tendência para o conformismo. Se uma pessoa tem certeza sobre as suas convicções e opiniões, tenderá a recusar seguir opiniões de outras pessoas, mesmo que estas sejam as opiniões da maioria, e evitará sobretudo seguir opiniões erradas ou inconsistentes, não hesitando em declará-las publicamente como tal. Quanto ao segundo fator, deriva do primeiro: o que interessa não é a pressão da maioria, mas sim o acordo. Podemos seguir uma dada opinião, cumprir uma ordem,

desempenhar um comportamento, desde que haja um consenso entre as pessoas de um grupo e se compreenda o seu significado. Unanimidade significa aqui uma deliberação conjunta e compreensiva.

**5.** O amor é uma emoção caracterizada por uma imensa concentração no “objecto” amado e ao qual se associa uma forte excitação fisiológica e um desejo constante da sua presença. O psicólogo Robert Sternberg concebeu uma teoria triangular do amor segundo a qual os fenómenos amorosos podem ser categorizados por meio de três componentes. Os vértices do triângulo amoroso são a **intimidade**, a **paixão** e a **decisão/compromisso**. A intimidade é um componente essencialmente emocional e caracteriza-se pelo desejo de proximidade, de se vincular ao outro. A paixão é um componente motivacional e caracteriza-se pela atração física e pelo desejo de um relacionamento sexual. A decisão/compromisso é um componente cognitivo que se caracteriza pela consciência de que amamos alguém e de tentarmos dar continuidade futura a esse sentimento. A combinação destes componentes permitiu a Sternberg organizar uma taxonomia de diferentes formas de amor, distinguíveis pela presença ou ausência de cada um dos elementos referidos, as quais vão desde a inexistência de amor, a amizade, o amor à primeira vista, o amor vazio, o amor romântico, o amor conjugal, o amor irreflectido, até ao amor consumado.

**6.** Os estereótipos sociais são crenças ou representações rígidas e simplificadas acerca de pessoas, grupos sociais ou organizações, as quais resultam de uma generalização excessiva. Esta dimensão da representação social é fundamentalmente cognitiva. Por sua vez, os preconceitos referem-se a atitudes geralmente negativas em relação a membros de um dado grupo social, os quais resultam de um juízo desfavorável que foi prévia e infundadamente constituído – pertencem sobretudo a uma dimensão afectiva. A diferença entre os estereótipos e os preconceitos é a seguinte: os estereótipos são representações positivas ou negativas sobre os mais variados aspectos da vida social, ao passo que os preconceitos são derivados dos estereótipos, acentuando aspectos negativos e de “fractura” social. Ao contrário dos preconceitos, os estereótipos visam a integração social, reforçam a coesão social, são formas convencionais de ver e agir em sociedade que constituem referenciais válidos a adoptar pelos membros de uma comunidade. Os estereótipos são a causa dos preconceitos, e estes são o seu efeito, geralmente negativo e a denotar atitudes de discriminação. Alguns exemplos de estereótipos: pensar que os gordos são gulosos, que os adolescentes são rebeldes, que as mulheres são más condutoras de veículos automóveis. Os preconceitos, cuja base de avaliação parte fundamentalmente de sentimentos, podem ser exemplificados através de comportamentos de evitação, ódio e desprezo, ou de violência, em relação a homossexuais, polícias, arrumadores de carros, prostitutas ou, grupos étnicos, como os ciganos e os romenos, políticos, etc.

### **Grupo III**

#### **Questão de desenvolvimento.**

A composição deve salientar que a cultura é universal e constitui o mais bem-sucedido, cumulativo e dinâmico mecanismo de adaptação da espécie humana ao meio ambiente. A cultura completa o trabalho da natureza e da hereditariedade – nascimento, alimentação, doença, reprodução e morte são fenómenos biológicos, todavia, na espécie humana são sobretudo fenómenos sociais e culturais. Como os casos das crianças selvagens bem atestam, a natureza não pode substituir a cultura nem a sua função socializante – sem cultura, não há humanidade.

O segundo aspeto contempla a construção da individualidade e da personalidade própria de cada um – cada um de nós é um indivíduo, quer dizer, uma síntese singular, consistente e irrepetível, um «eu» que é auto-organizado na forma peculiar como interioriza, interpreta e vivência o mundo e as outras pessoas. Os seres humanos são sistemas (ou programas) abertos que se condicionam mútua e reciprocamente. A consciência de que podemos optar livremente por um projecto de vida pessoal, mostra claramente que a influência da natureza é reduzida a um limiar mínimo. O homem, mais do que uma realidade biológica, é um ser culturalizado, o que significa que quanto maior for a acção da cultura sobre o nosso desenvolvimento, maior será a regressão dos instintos. A complexidade comportamental do ser humano está simultaneamente relacionada quer com a plasticidade cerebral, que nos predispõe para aprendizagens permanentes ao longo da vida, quer com a complexidade da própria sociedade e cultura em que nos inserimos. Cada indivíduo é único, uma realidade singular, desenvolvendo esquemas de resposta ao meio que são fruto da sua individualidade.